

O espaço e o tempo na Educação Infantil

Lourdes Maria Bragagnolo Frison¹

Resumo: Este artigo decorre de uma pesquisa realizada com professoras de Escolas Municipais de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, para compreender como o tempo e o espaço físico são organizados na Educação Infantil. A pesquisa encaminha para a compreensão que crescer em um ambiente diversificado, desafiador e acolhedor é direito de toda criança e que a organização da sala está atrelada à proposta pedagógica, influenciando decisivamente a aprendizagem.

Palavras-chave: Tempo. Espaço. Educação Infantil.

Educação Infantil: breves reflexões

A Educação Infantil, no Brasil, é reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional como a primeira etapa da Educação Básica. A legislação expressa a necessidade de as crianças terem tempo e espaço físico que propiciem condições educativas, estimuladoras de suas capacidades e potencialidades. Os pilares da Educação Infantil, que buscam acompanhar as crianças e propiciar estratégias para seu desenvolvimento integral, organizam-se considerando três aspectos fundamentais: cuidar, educar e brincar.

A estruturação do espaço físico, a forma como os materiais estão dispostos e organizados influenciam os processos de ensino e de aprendizagem e auxiliam a construção da autonomia, da estabilidade e da segurança emocional da criança. Para bem desenvolver sua identidade, é fundamental que ela sinta-se protegida e esteja inserida em um universo estável, conhecido e acolhedor. Os espaços são concebidos como componentes ativos do processo educacional e neles estão refletidas as concepções de educação assumidas pelo educador e pela escola.

A escola é um espaço de trocas e de construções coletivas definidas na filosofia, nos princípios educativos implícitos no projeto pedagógico assumido pela equipe escolar. É importante que a sala de aula seja um lugar motivador, em que se acolham as diferentes formas de ser e de agir, contempladas nos projetos de trabalho, nos quais as crianças vivenciam suas experiências e descobertas. Nesse espaço, emergem idéias a serem cuidadosamente trabalhadas, implementadas pelos envolvidos nas

¹ Doutora em Educação pela PUCRS. Docente da FAPA. lfrison@terra.com.br.

atividades previstas em tais projetos: crianças, pais, educadores e pessoas convidadas a dele participarem. A sala é também o lugar do jogo, do faz de conta, da liberdade e do desenvolvimento da imaginação. Lugar em que as crianças sentem-se seguras, estimuladas, motivadas, tendo favorecido seu desenvolvimento.

Existem diversificadas formas de organizar o espaço físico escolar. Cada professor ou equipe de gestão escolar busca despertar, ao máximo, o interesse, a atenção, o envolvimento, o desejo de aprender, a capacidade da criança para inter-relacionar o que aprende com o que já sabia previamente. A tarefa do professor está voltada para estimular o desejo da criança para aprender. Ele a motiva e organiza diferentes atividades escolares, recreativas, sociais, lúdicas, para que ela venha a participar, com autonomia e interesse, das tarefas escolares (ARRIBAS et al., 2004).

Ao pensar a organização do espaço físico oferecido às crianças, de acordo com a questão contextual, percebe-se o que está contido nas teorias de Piaget (1995), Vygotsky (1998, 1984) e Wallon (1989), os quais salientam a capacidade para aprender através de trocas estabelecidas entre os sujeitos e o objeto de conhecimento. Os autores concebem o desenvolvimento infantil como um processo dinâmico, que está em constante formação. Pensar a organização do espaço físico é, portanto, levar em conta as dimensões cognitivas, motivacionais, contextuais potencializadas pelas crianças, ao utilizarem o imaginário, o lúdico, o artístico, o afetivo para aprender.

Há diferença entre espaço físico e ambiente educativo. Para Zabalza (1998), o termo “espaço” refere-se ao espaço físico disponível à realização das atividades, os locais caracterizados pelos objetos, pelo mobiliário e pela decoração e o termo “ambiente educativo” refere-se ao conjunto de atividades pedagógicas que são implementadas no espaço físico. O espaço físico pode ser transformado em espaço educativo, dependendo da atividade que nele acontece. A criança, ao estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, interage com o meio, manifestando suas emoções, seus sentimentos, suas conquistas, que podem modificar o ambiente.

Como o meio físico é fator determinante para estimular e motivar as aprendizagens, é imprescindível que o professor esteja atento ao organizá-lo, para que as crianças possam brincar e interagir de forma criativa e desafiadora. As trocas realizadas são essenciais para o desenvolvimento da criança, pois, através delas, abrem-se outras possibilidades de aprendizagens. Horn (2004, p. 16) destaca que o espaço físico “não é algo dado, natural, mas sim construído”. A escola constitui-se em lugar ideal para oportunizar não só aprendizagem, mas também iniciativa, criatividade, interação e convivência. Barbosa e Horn (2001, p.75) afirmam que as aquisições sensoriais e cognitivas das crianças têm estreita relação com o meio físico e social, pois ele ajuda a estruturar as funções motoras, sensoriais, simbólicas, lúdicas e relacionais. “Ao desenvolver seu esquema corporal, sua percepção ultrapassa as fronteiras

do eu e do não-eu, aprendendo a lidar com as cobranças do contexto no qual estão inseridas” (BARBOSA; HORN, 2001, p.75).

No ambiente físico, a criança tem a oportunidade de manifestar seus desejos, tocar, sentir, emitir e escutar sons e palavras, construir regras que normatizam o uso de diferentes espaços, móveis, equipamentos e instrumentos. Isso lhe permite observar, categorizar, escolher e propor atividades a serem desenvolvidas em sala de aula.

Um ambiente favorecedor do desenvolvimento da autonomia da criança está intrinsecamente relacionado ao planejamento de suas instalações físicas. A estrutura física estimula e facilita (ou não) o desenvolvimento da autonomia. Estruturas facilitadoras são aquelas, por exemplo, que oportunizam, sem perigos ou riscos, que a criança tome água, pegue toalhas e materiais diversos, vá ao banheiro, sem o auxílio de um adulto. A possibilidade de atuar livremente favorece diferentes aprendizagens, porque exige que a criança escolha, decida, teste suas hipóteses, aguçe sua capacidade crítica. Estas experiências são normalmente desencadeadas através de atividades lúdicas, imaginárias, decorrentes das possibilidades encontradas no espaço contextual.

A organização do espaço através de temas caracterizadores tem sido uma prática bem sucedida em algumas escolas. Tendo-se plena consciência de que se trata de uma lista com muitas escolhas, pode-se pensar em organizar “cantos”: casa de bonecas, fantasia, jogos e brinquedos, biblioteca, tecelagem, matemática, imprensa, estamperia, dobraduras, experiências. Pode-se constituir o canto da garagem (com carrinhos, guaritas e placas de trânsito); do escritório de trabalho (com telefone, máquina de escrever, calculadora); do cabeleireiro (espelho, pinturas, perucas, adornos); do supermercado (carrinhos, mercadorias, cédulas de dinheiro); de música e dança (diversos instrumentos se percussão e sopro). É possível, pois, dispor de variados espaços com diversidade de materiais, brinquedos e instrumentos. A organização dos “cantinhos” na sala de aula influencia a qualidade pedagógica do trabalho, facilita encontros, estimula trocas entre as crianças, garante-lhes a possibilidade de pensar e demonstrar suas próprias convicções. Dependendo da idade das crianças, o colchão ou colchonete permite que elas possam ficar deitadas e engatinhar para deslocar-se livremente. “Um espelho, no mínimo, em uma das paredes, favorecerá a exploração de seu corpo, assim como a observação dos colegas” (ARRIBAS et. al., 2004, p. 343).

Cada canto oferece à criança materiais, objetos que a instigam a experimentar, a manipular, que estimulam suas capacidades criativa e imaginativa e a induzem à realização de atividades anteriormente experienciadas. Os cantos, segundo Arribas (2004), servem para potencializar a autonomia intelectual, pois a criança, ao escolher determinado espaço, faz uma opção, toma decisões, organiza e realiza atividades, encontra alternativas de solução.

O espaço físico é um elemento importante: quando estruturado,

oportuniza aprendizagens e interações entre as crianças. Sua organização, ao tornar-se parte integrante do planejamento, passa a constituir-se como recurso, como estratégia do professor. A proposta pedagógica, na Educação Infantil, precisa ser pensada em parceria com as crianças, permitindo que elas aprendam a refletir, tomar decisões, dizer do que gostam ou o que não querem fazer.

No espaço físico, a criança compartilha aprendizagens, “a experiência coletiva oferece a possibilidade de encontrar novas formas sociais de trabalho e de convivência, já que, cada vez mais rapidamente, a criança tem necessidade de comunicar aquilo que conhece e sabe” (ARRIBAS et. al., 2004, p. 345). As atividades coletivas são importantes para o desenvolvimento relacional, pois é na convivência que a criança adquire consciência de pertencer ao grupo e usufrui as aprendizagens que decorrem dessa interação. Atividades com esse objetivo ajudam a criança a construir conceitos de participação, de cooperação, uma vez que também ela deve responder às necessidades da sociedade e participar da convivência positiva. As atividades podem ser concretizadas através de oficinas de integração, de brincadeiras livres ou dirigidas, de unidades didáticas ou de atividades para reforçar a aprendizagem concreta.

Atividades como artes-plásticas, dramatizações devem fazer parte da programação, pois trabalham - de forma lúdica - conceitos, vocabulário, histórias infantis, que auxiliam o desenvolvimento da linguagem, da criatividade. Nas atividades gráficas, podem ser estimulados desenhos, colagens, pinturas, que promovem o desenvolvimento cognitivo, motor e social. O conhecimento não é absorvido passivamente do ambiente, nem brota espontaneamente do amadurecimento da criança, mas é construído por meio da interação das estruturas mentais com o ambiente.

A criança necessita fazer investidas pessoais sobre o ambiente físico, por isso deixá-la atuar livremente é de suma importância. É essencial adequar e organizar o espaço de forma a atender às necessidades de higiene, limpeza, conforto, alimentação e sono da criança. Os espaços em que a criança habita precisam ser cuidadosamente limpos, confortáveis, agradáveis, seguros, sem elementos que provoquem risco.

O espaço físico externo da sala de aula também requer ser pensado, pois nele a criança amplia seus conhecimentos ao enfrentar espaços que ela não conhece tanto. Em contato com a natureza, a criança percebe, por exemplo, transformações e alterações climáticas e fenômenos atmosféricos, apreendendo deles significado. Ao lidar com água, areia, pneus, pedrinhas, garrafas, tampinhas, copinhos, a criança compreende conceitos de quantidade, volume, peso, temperatura; conhece as propriedades de flutuação e de resistência; realiza atividades que exigem motricidade fina, como misturar, remover, encher e esvaziar. Atividades livres e espontâneas estimulam a criança a desenvolver habilidades e competências.

Pintar no espaço externo da sala de aula é uma alternativa que exige mais concentração e coordenação motora, porque nele a criança precisa

maior esforço para concentrar-se, por ter que lidar com maior diversidade de estímulos. Tal atividade demanda mais atenção, mas também é uma realização prazerosa, criativa e estimuladora.

Para o espaço físico ser bem aproveitado, a atuação do professor é fundamental. Zabalza (1998) explicita que o professor define as intenções educativas e o método de trabalho, ao selecionar e organizar cantos, oficinas, unidades didáticas para que as crianças possam fazer suas escolhas. Kramer (2003) afirma que a criança tem o direito de brincar, criar, enfrentar desafios como instâncias de formação cultural e social. Na escola, “não basta ensinar coisas, ao contrário, a prática pedagógica envolve conhecimentos e afetos, saberes e valores, cuidados e educação, seriedade e riso” (KRAMER, 2003, p.11). As tarefas do professor, nesse processo, podem ser, segundo Zabalza (1998), agrupadas em quatro eixos: concretizar as intenções educativas e o método de trabalho; planejar e organizar o espaço; observar e avaliar o seu funcionamento; introduzir as modificações que forem necessárias. Para isso o professor precisa estabelecer metas, estratégias de ação e (re)avaliar o processo reflexivamente.

É importante que o professor tenha o apoio da coordenação pedagógica, da direção da escola, dos pais e dos colegas, para que o trabalho conjunto atenda às demandas da construção das práticas educativas. O trabalho em equipe tem muito mais chances de obter êxito.

2 Contextualizando a pesquisa

Para contextualizar e refletir sobre a realidade da utilização do tempo e do espaço físico nas escolas infantis, foi realizada em 2007, uma pesquisa em dez escolas municipais de Porto Alegre, na qual se investigou com as professoras como elas organizam o tempo e o espaço físico para o desenvolvimento das atividades escolares.

As participantes da pesquisa afirmam que a organização do tempo e do espaço físico depende da proposta e do planejamento previamente construído. As salas, organizadas para atividades múltiplas apresentam espaços específicos, como foi explicitado anteriormente: canto das bonecas, jogos pedagógicos, salão de beleza, escritório, garagem, computadores, jogos pedagógicos, vídeo, livros, etc. Percebeu-se que o espaço físico, da forma como está organizado, retrata a proposta pedagógica que a escola desenvolve, podendo ser um espaço estimulador para a criança realizar e registrar suas descobertas. Os materiais e os móveis, distribuídos em cada sala, revelam, implicitamente, o pretendido pelo professor. Segundo Carvalho e Rubiano (1994), a criança “explora, descobre e inicia ações em seu ambiente; seleciona parceiros, objetos, equipamentos e áreas para a realização de atividades, mudando o ambiente através de seus comportamentos” (p. 116).

As professoras entrevistadas apontam que o espaço físico na

Educação Infantil deve ser um lugar amplo, claro e arejado, que contenha brinquedos adequados a cada faixa etária, que atendam às preferências. Elas destacam que, no espaço externo, é preciso haver balanços, escorregadores, gangorras, piscina de bolinhas, cama elástica, entre outros brinquedos e materiais importantes para o desenvolvimento infantil. Acreditam que um ambiente com flores, terra, areia, água estimula a realização de um trabalho mais espontâneo e deixa a criança mais tranqüila.

Barbosa e Horn (2001, p. 73) destacam que, ao pensar no espaço para as crianças, deve-se levar em consideração que

[...] o ambiente é composto por gosto, toque, sons e palavras, regras de uso do espaço, luzes e cores, odores, mobílias, equipamentos e ritmos de vida. Também é importante educar as crianças no sentido de observar, categorizar, escolher e propor, possibilitando-lhes interações com diversos elementos.

O professor da Educação Infantil ocupa a função de mediador, o que lhe permite observar comportamentos e interagir sobre eles. Em algumas situações, ele intervém, instigando a criança a pensar, a refletir sobre o que está acontecendo. Nem sempre, no entanto, é necessário intervir, pois, muitas vezes, as próprias crianças resolvem as situações-problema e encaminham soluções. “O caráter pedagógico da Educação Infantil não está na atividade em si, mas na postura do adulto frente ao trabalho que realiza” (MACHADO, 2004, p. 8). Isso explicita a importância de o educador assumir as atribuições de mediador da ação pedagógica. Nas brincadeiras de faz-de-conta as crianças engajam-se umas às outras, construindo e compartilhando significados e, através da interação com o meio, vão dando saltos qualitativos em sua aprendizagem.

Segundo orientações basilares da Educação Infantil, cada escola tem liberdade para organizar seu espaço físico e o tempo de permanência da criança em cada espaço escolar, desde que estejam de acordo com as peculiaridades da faixa etária e com os objetivos e as metas propostos no Projeto Pedagógico da Escola. Ao analisarem-se essas questões, leva-se em conta “a perspectiva da identidade, do significado, dos equipamentos e da distribuição dos materiais” (JAUME, 2004, p. 362) que é tida pela escola e aquilo que ela busca. O ambiente deve responder às necessidades das crianças, ao que elas precisam, de forma a sentirem-se acolhidas, amadas, protegidas e estimuladas.

Os autores Barbosa e Horn (2001) propõem a organização da sala em cantos, porém é necessário verificar as possibilidades do espaço físico real, cuidando para que o ambiente não fique demasiadamente dividido, sem lugar para atividades de movimento amplo. O espaço físico é usado como apoio às atividades escolares e deve ser organizado atendendo às demandas da escola, do planejamento e das crianças. A organização física

normalmente costuma ter “cantos” das bonecas, do desenho, das fantasias, dos materiais para brincar. Carvalho e Rubiano (1994) referem que se pode organizar espaços fechados (na sala de aula) e espaços semi-abertos (no pátio), proporcionando às crianças autonomia e interação social e ao educador uma visão do conjunto, que lhe permite acompanhar as diferentes (re)ações que ali acontecem. O educador deve estar muito atento, pois esse é o momento para perceber as descobertas e compreender os sentimentos expressos pelas crianças.

3 Relato de uma experiência inovadora

Na escola infantil, um dos objetivos do professor, ao acompanhar o desenvolvimento da criança e nele investir, é estimulá-la a envolver-se nas atividades propostas. Para atingir essa finalidade, a Escola Municipal Érico Veríssimo, de Porto Alegre, apresenta uma configuração de espaço e de tempo, completamente diferente das demais investigadas, por organizar-se de forma muito específica no atendimento das crianças no decorrer do dia.

Para compreender o trabalho que vem sendo realizado nessa escola, foi feita uma pesquisa qualitativa e empregou-se como metodologia observações das diferentes salas-ambiente, utilizadas pelas crianças. Realizou-se também uma entrevista com a diretora da escola sobre como a proposta foi construída e como está sendo implementada. Algumas professoras da escola (entre elas, integrantes da equipe diretiva) responderam um instrumento de pesquisa que permitiu maior compreensão da proposta desenvolvida. O questionário teve as seguintes questões norteadoras: Como a escola organizou os tempos e os espaços físicos existentes? Quais os espaços que foram escolhidos e como foram denominados? Por que e como se deu a escolha destes espaços? Como definiram o tempo de permanência, das crianças, em cada um dos espaços? Que vantagens e desvantagens apresentam esta nova organização? Qual o papel do professor nos diferentes espaços organizados? Nessa sistemática a criança fica mais ocupada ou mais desafiada a pensar?

Tanto a diretora como as professoras participantes da pesquisa relataram que, para organizar esse trabalho, foram mais de dois anos de estudo em busca de alternativas que oportunizassem melhores condições de aprendizagem, de relacionamento entre as crianças e de discussões acerca da idéia de como reorganizar a escola e sua proposta pedagógica.

A proposta organizada por esses educadores culminou na disponibilização de espaços e tempos, que funcionam, no contexto, como uma engrenagem. O ponto de partida foi o diagnóstico construído a partir da realidade contextual. A proposta foi pensada em decorrência das múltiplas preocupações e das constantes inquietações dos educadores em busca de alternativas para atender melhor a clientela da escola. Essa

organização foi estruturada por uma equipe de profissionais composta por nove docentes, doze estagiários, dezesseis funcionários, doze monitores, uma diretora², uma vice-diretora³ e uma coordenadora pedagógica⁴, pensando, principalmente, nos interesses de cada faixa etária, pois a escola recebe crianças de diferentes níveis (berçário, maternal, jardim), que ali permanecem em turno integral (12 horas por dia). A angústia emergiu em decorrência dessa realidade e da preocupação em “não” ter crianças fechadas em uma única sala, durante todo dia, com alternância de rotina apenas com breves saídas para ambientes diferenciados, incluindo o espaço externo. As professoras relataram que, nos dias de chuva, sem pátio, era “de enlouquecer”, havia muitas brigas, destruição das produções das crianças e do patrimônio escolar. Havia muito choro, misturado com sentimentos de saudade da casa, dos pais, da família.

Esta escola atende, todos os dias, 185 crianças, das 7 h às 19 h. A construção da proposta de currículo visou qualificar o atendimento da sua clientela, a fim de oportunizar-lhe melhor “viver a infância”. Destacam-se alguns depoimentos que corroboram o entendimento e o significado desta intenção. Uma das entrevistadas diz que a escola começou a “pensar, a construir ambientes criativos e acolhedores para as viagens infantis”. Houve muita preocupação com as características da faixa etária, os diferentes grupos, as necessidades e os interesses das crianças; por isso duas premissas - ambientes e faixa etária - constituíram-se como critérios para a nova organização. Um dos objetivos da mudança foi tornar os ambientes adequados, atraentes, confortáveis e funcionais. Segundo as professoras, aconteceram muitas trocas, estudos e diálogos, para possibilitar ao grupo o consenso na tomada de decisão, a fim de “constituir a nova organização, que atendesse as demandas elencadas”.

Os professores debruçaram-se sobre os fatos, fizeram a leitura da realidade contextual, analisaram e avaliaram como (re)organizá-la. Reuniões sistemáticas tornaram-se imprescindíveis. A primeira decisão tomada pelo grupo foi a opção por uma proposta curricular pedagógica com diferentes espaços e tempos educativos. A partir disso, começaram a definir de que “ambientes de aprendizagem e de que materiais” cada espaço deveria dispor.

As diferentes salas foram organizadas a partir de três realidades constitutivas: sala dos berçários (considerando a necessidade de materiais para manipulação e exploração); sala dos maternais (considerando a necessidade de imaginação e a capacidade de fantasiar); sala dos jardins (considerando a necessidade de construção e de sistematização de conhecimentos científicos). Após essa definição, foi iniciada a construção dos espaços. Cada um dos ambientes de aprendizagem foi montado com o auxílio do grupo de educadores.

² Cláudia Wannacher Zepper

³ Joseane França

⁴ Susana Tyska Weber

Os espaços e os materiais foram disponibilizados da seguinte forma: Berçário 1 (materiais para exploração e fantoches); Berçário 2 (Cantos de Interesses); Maternal 1 (Brinquedoteca); Maternal 1B (inicialmente denominado Artes Plásticas, atualmente denominado pelas crianças como Pintatoteca); Maternal 2A (Ludoteca, hoje denominado pelas crianças de Jogoteca); Maternal 2B (Sucatoteca, hoje denominado pelas crianças de Sala da Sucata); Jardim 1A (Ciências Humanas e Sociais, hoje denominado pelas crianças de Sala da Globo); Jardim 1B (Ciências Físicas, Biológicas e Exatas, hoje denominado pelas crianças de Sala do Pé de Feijão); Jardim 2 (Comunicação e Expressão, hoje denominado pelas crianças de Sala das Fantasias).

Além desses espaços, organizaram-se “ambientes alternativos”: Biblioteca (hoje definido pelas crianças como Sala dos Livros); Culinária (não alterou o nome); Informática (definido como Sala dos Computadores); Sala do Vídeo; Sala dos Multimeios e o *Playground*. As entrevistadas ressaltaram a organização própria de cada espaço, prevista para contemplar as necessidades da faixa etária específica e os princípios da proposta curricular - respeito pelo outro, desafio, ampliação das estruturas cognitivas - a qual disponibiliza diversidade de interações.

Segundo as professoras da escola, com a implementação da proposta, o envolvimento das crianças nas atividades mudou de forma muito significativa. Elas evidenciaram cuidado e comprometimento com todos os espaços e materiais disponibilizados nos diversos ambientes. As relações e as interações entre as crianças, entre as crianças e os adultos, entre os adultos (pais, funcionários e professores) tornaram-se muito mais afetivas, tranquilas e objetivas. Os diferentes espaços facilitam as relações entre as crianças e permitem ao educador perceber, com mais clareza, as necessidades, características, individualidades de cada uma.

A inovadora proposta dessa escola provoca indagações, muitos querem saber: Como funciona? Qual o tempo de permanência das crianças em cada espaço? Como e quando se dá a troca das salas? Cada turma tem uma sala própria? Conforme as entrevistadas, o tempo de permanência em cada ambiente alternativo e de aprendizagem é definido por um horário próprio. Tanto os professores como as crianças sabem o horário em que devem deslocar-se de uma sala para outra. Eles sabem quando o tempo de permanência naquele espaço terminou e quando devem dirigir-se para outra sala da escola. Tudo é previamente combinado, agendado e organizado.

É interessante que, embora haja troca de salas ao longo do dia, as crianças, ao chegarem à escola, dirigem-se à sala que consideram ser a sua, permanecendo nela durante o primeiro horário. A sala à qual as crianças dirigem-se ao chegar à escola é denominada sala de referência. Nela fica todo o material que a criança leva para a escola, pois ali existem mochileiros fechados, onde são colocados os pertences pessoais. As crianças retornam a esta mesma sala ao final da manhã e da tarde. Nesse ambiente, são também feitas as combinações e o planejamento do que será realizado nas demais

salas a serem percorridas durante o dia. A solicitação de uso dos diferentes ambientes é feita através de uma grade curricular, na qual a equipe manifesta sua intencionalidade de ocupá-los. Isso depende das metas, das propostas estabelecidas, dos planos de trabalho do projeto que está sendo desenvolvido. Todos os níveis repousam e para isso retornam à sala referência e nela permanecem durante um período determinado, este momento é considerado por crianças e educadores como a hora do descanso.

Nesta diferente modalidade de trabalho, o professor, ao escolher espaços e estratégias, qualifica as propostas, oportunizando à criança interagir, inventar, criar novas experiências nos ambientes constitutivos. As crianças mostram-se muito mais envolvidas, comprometidas, seduzidas e estimuladas pelo próprio espaço físico e, conseqüentemente, desafiadas a participar e a pensar sobre o que estão fazendo.

Através do brincar livre nos diversos espaços, observam-se os diferentes encaminhamentos dados pelas crianças para problemas semelhantes. Nessas trocas, elas realizam grandes aprendizagens. As brincadeiras de faz-de-conta; a ação imaginativa vivenciada, que reproduz situações reais, mostram que a criança repete o conhecido para compreendê-lo e para melhor adaptar-se. Toda criança, ao brincar, decide sobre o quê, como, com quem, com o que e onde brincar e com isso aprende aonde quer chegar. Nessa proposta, o educador tem bem presente a importância do brincar na infância e vale-se deste momento para enriquecer o processo de ensino e de aprendizagem (FORTUNA, 2004).

O brincar é uma atividade de excelência na Educação Infantil. Brincando, a criança não apenas se diverte, mas cria e interpreta o mundo em que vive, relacionando-se com ele. Alves et al. (2004) enfatizam que brincando a criança será capaz de entender o mundo e adquirir pouco a pouco confiança em si mesma, compreender suas possibilidades e limites, construir sua auto-imagem. Os jogos e brincadeiras infantis não são apenas passatempo, eles preparam o terreno para o aprendizado posterior. Os autores citados referem que

[...] a brincadeira abre espaço para a criança se colocar, para organizar seu pensamento, suas emoções, desenvolver a criatividade e a capacidade de resolver problemas. Através do brincar a criança experimenta o mundo, os movimentos e suas reações, tendo assim elementos para desenvolver atividades mais elaboradas no futuro (ALVES et al., 2004, p. 1).

A Educação Infantil requer um ambiente estimulador, pois a criança precisa ser encorajada a testar suas hipóteses. Oliveira (2000) diz que, através do brincar, a criança age espontânea e criativamente, aceitando progressivamente regras morais e sociais. Ao brincar, ela elabora o luto das perdas, descobre estratégias para enfrentar desafios, toma decisões. Brincadeira, imitação e aprendizagem andam de mãos dadas nesse processo.

O trabalho pedagógico, nesse cenário, é permeado pela organização do espaço físico e pelo tempo de permanência em cada ambiente educativo.

4 Tecendo algumas conclusões

Ao refletir sobre essa proposta, fica a certeza da importância de criar espaços e tempos de qualidade na Educação Infantil, de oferecer espaços pedagógicos onde as crianças tenham prazer em estar, conviver, aprender e desenvolver-se. Crescer em um ambiente desafiador, saudável, prazeroso e acolhedor é direito de toda criança. Esse é o desafio da Educação Infantil nos dias atuais. Para vencê-lo, o primeiro passo é ter um olhar sensível, entendendo que espaços, materiais, móveis são essenciais para organizar propostas promovedoras de uma aprendizagem que vá ao encontro da concepção pedagógica assumida.

A organização da sala de aula tem influência sobre os usuários. Ela, em parte, determina o modo como professores e alunos sentem, pensam e comportam-se. O planejamento cuidadoso do ambiente físico e do tempo destinados às diferentes atividades oportuniza crescimento, segurança, confiança, contato social e privacidade, favorecendo o desenvolvimento da identidade pessoal e das competências básicas.

As crianças interagem no espaço físico, mas para isso é importante elaborar projetos que, nos diferentes ambientes, estimulem essa interação, de forma a possibilitar atividades desencadeadoras de aprendizagem. Cabe ao educador auxiliar a criança a ampliar sua visão de mundo e a utilizar múltiplas linguagens para representar e exprimir sua forma de compreender o mundo e a si mesma. O espaço é o retrato da relação pedagógica. Nele registram-se as descobertas e o crescimento do grupo. A tarefa básica é aumentar a motivação, ampliando o espectro de experiências, enriquecedoras, bem como a diversidade de situações e de níveis de desenvolvimento: cognitivo/metacognitivo, motivacional/afetivo, comportamental e social.

Recebido em março de 2008.

Aprovado em maio de 2008.

Title: Physical Space and Time in Childhood Education

Abstract: This article is the result of a research made with Municipal School teachers from Porto Alegre, Rio Grande do Sul which aimed at understanding how the time and the physical space are organized in childhood education. The research shows that growing in a diversified, cozy, and challengeable environment is every child's rights. It also shows the room organization is linked to an educational project, favorably influencing learning.

Key words: Time. Physical space. Childhood education.

Referências

ARRIBAS, T. L. et al. **Educação Infantil**: desenvolvimento, currículo e organização escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ALVES A; RIZOLLO, A; VASCONCELLOS, A; **A importância do brincar** Disponível em: [http://www.db-piracicaba.com.br/textos/importancia do brincar.asp](http://www.db-piracicaba.com.br/textos/importancia%20do%20brincar.asp). Acesso em: 12, nov. 2004.

BARBOSA, M.C.; HORN, M.G.S. Organização do espaço e do tempo na Educação Infantil. In: GRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (Org.) **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto- Conselho Nacional de Educação, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer nº 022/98-CEB- 17/12/98.

CARVALHO, M.C.; RUBIANO, M. B. Organização do espaço em instituições Pré-Escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. (Org.). **Educação Infantil**: muitos olhares. 2 e., São Paulo: Cortez, 1994.

FORTUNA, T. R. O brincar. **Revista Pátio Educação Infantil**, a. I. n. 3, dez. 2003, mar. 2004.

GRAIDY, CC; KAERCHER, G.L. (Org.). **Educação Infantil**: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JAUME, M. A. R. O ambiente e a distribuição dos espaços. In: ARRIBAS, T. L. (Org.) **Educação Infantil**: desenvolvimento, currículo e organização escolar. 5. e., Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. De que professor precisamos para a Educação Infantil. **Revista Pátio Educação Infantil**, a. I, n. 2, ago./nov., 2003.

MACHADO, M. L. de A. Por uma Pedagogia da Educação Infantil. In: **Revista Pátio Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, a. II, ago./nov, 2004.

OLIVEIRA, Z. de M. R. **Diretrizes para a formação de professores na Educação Infantil: Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes. 1984.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **Origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manolo, 1989.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.